
ENTRE DUAS CISÕES

PEDRO LEONARDO DE LUCENA RODRIGUES

"Vá Lacan: continue a traçar bravamente o seu próprio caminho na terra inculta, mas, por favor, deixe em seu rastro muitas pedrinhas bem brancas, para que possamos segui-lo e unir-nos a você; há gente demais que, tendo perdido qualquer ligação com você, imagina que você se extraviou."

Exortação de Édouard Pichon em 1938 denuncia um lugar vago de mestre pensante no movimento psicanalítico francês e prenuncia os conflitos e cisões porvir.

Sejam por aspectos biográficos, sejam por aspectos de conceituação teórica, encontramos aproximações entre Lacan e Pichon. Dos primeiros, o próprio acatamento de Lacan como membro efetivo do S.P.P. (Sociedade Psicanalítica de Paris) se dá em função de pressões e negociações realizadas por Pichon envolvendo, em troca, simultaneamente, o ingresso de Heinz Hartmann naquela Instituição. Aliás, quando da realização do evento em foco nesse encontro (Discussão de Roma) e dos acontecimentos que o precedem, o objeto da barganha - Hartmann - ocupa, então, a presidência da I.P.A.

Em relação aos aspectos conceituais, a separação introduzida por Lacan entre um Ego imaginário e um sujeito do inconsciente ancora-se em observações anteriores realizadas por Pichon, gramático talentoso, que diferencia o "Moi" e o "Je" de acordo com a maneira de expressão do sujeito na representação que ele faz de si mesmo.

De acordo com Elizabeth Roudinesco, Édouard Pichon, dentre os 12 membros fundadores da S.P.P., seria o

único a apresentar uma produção intelectual consistente, enxergando em Lacan a realização de seu ideal - "uma psicanálise francesa:

"A doutrina lacaniana se enuncia na língua francesa; é uma forma de freudismo culturalmente francesa, por suas origens e por sua maneira de implantação ...

Por sua vida, por seu pensamento, por seu amor a Spinoza e à filosofia alemã, Lacan jamais será germanófono, nem um teorizador da raça. Se com ele se realiza, em parte, o projeto pichoniano de uma Escola Francesa de Psicanálise, essa escola se fundamenta nos princípios de um universalismo científico semelhante ao de Freud" (1).

Em 1953, ano da realização do Congresso dos Psicanalistas de Línguas Romanas, ocorre a cisão na Sociedade Psicanalítica de Paris como consequência de conflitos tornados mais evidentes um ano antes, quando da criação do Instituto de Psicanálise da referida Sociedade. Aliás, a proposição inicial do Instituto é citada por Lacan na abertura do Discurso de Roma:

"Em particular, não se deverá esquecer que a separação em embriologia, anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia, clínica não existe na natureza e que existe uma só disciplina: a neurobiologia à qual a observação nos

obriga a acrescentar o epíteto de humana, no que nos concerne." (2)

Uma posição que buscava vincular, de forma reducionista a Psicanálise à Neurobiologia, suscita reações inevitáveis, dando início a uma disputa, entre os dois principais grupos, antagônicos, em relação à análise leiga. Apesar de suas posições a respeito, Lacan procura exercer um papel conciliador, por aversão a cisões. Tentativa fracassada, vê-se acusado de heterodoxia por conta das sessões de tempo variável.

Sobre isto, Lacan produz três conferências em 1951, 52 e 53, na S.P.P., defendendo sua prática. No próprio Discurso de Roma, volta a defender a noção de sessão com duração variável, a partir de "tempo para compreender, momento de concluir."

Frente às argumentações e estabelecimentos teóricos e conceituais, as críticas costumam se ater a razões de natureza moral e fiduciária, por certo existentes, mas insuficientes e ignorando uma referência ao inconsciente.

Em entrevista à Folha de São Paulo, quando de sua estada no Brasil, ano passado, Jean Laplanche, em alusão ao tema, definiu-o "escroqueteria comercial."

Como ilustração à relevância que este assunto assumiu além de tentativa simplória de compreender e, de passagem, minimizar a produção de Jacques Lacan, transcrevemos o que é dito no compêndio de Psiquiatria Dinâmica de Kaplan e Sadock (autores americanos), edição de 1984, página 151:

"O mais notável entre os métodos práticos de Lacan que provocou intensa controvérsia foi seu emprego da sessão curta em psicanálise - a hora de 50 minutos é tradicional entre os psicanalistas mais ortodoxos, que empregam esse

tempo para a sessão em análise didática e na prática clínica. Lacan considerava rígido este tempo de duração e fonte potencial de maior resistência à terapia. Modificando a duração da sessão em correlação com a produtividade livre - associativa ao paciente - por exemplo, percebeu que uma relação de transferência íntima e mais intensa se desenrolava entre o psicanalista e o analisando, e que o inconsciente do paciente fazia-se mais acessível à exploração. Concluiu que a hora de 50 minutos para a qual o paciente se sente habilitado, sem importar a forma como está utilizando o tempo - encoraja a resistência e pode ser usada para evitar associações livres relevantes. Lacan acreditava que, quando o paciente reconhece que não tem direito a uma cota específica de tempo, o conceito de recompensa e punição (conceito comportamental), e mesmo a imprevisibilidade se introduz no processo psicanalítico." (3)

Dispensável se faz qualquer comentário a mais acerca da referência.

Às suas proposições teóricas - verborrêico; imagem.

Aos seus estudos de linguística - hermético; imagem.

Parece que Lacan funcionou como a fenomenologia daquilo que mais combateu na prática analítica: o imaginário. Não sendo privilegio de seus adversários, esta captura por parte de seus alunos pode ser detectada numa passagem do livro de Jean Berthand Pontalis, "O Amor dos Começos", no capítulo intitulado "O Grande Outro."

"O que me afligia era constatar que, se era realmente necessário imitar nosso mestre e passar por esta 'identificação imaginária', no entanto tantas vezes denunciada, nós o imitávamos tão mal, e eu me incluía nesse nós, pois querer desmarcar-se do rebanho é ainda

levar a marca do pastor. Qual é o propósito de Lacan, dizia para mim mesmo: transmitirmos uma idéia do Grande Outro, talvez sem nome e certamente sem rosto e eis que nos púnhamos a macaquear o pequeno outro, como se ficássemos captados por uma imagem e fixados no estádio do espelho, longe de ser, no entanto, sempre regozijantes."(4)

Entre duas cisões, realiza-se o Discurso de Roma. Há dois meses, rompimento com a Sociedade Psicanalítica de Paris e a criação da Sociedade Francesa de Psicanálise de Paris, esta aguardando, na ocasião, o reconhecimento por parte da I.P.A.

Dois fatos salientes: a assunção de Lacan a chefe de escola e a manifestação das diferenças entre os membros da recém-criada sociedade, apontando, como não poderia deixar de ser, para a próxima cisão - repetição.

Sobre ela, a repetição, diz Lacan:

"É exatamente o que se passa no automatismo de repetição. O que Freud nos ensina no texto que comentamos, é que o sujeito segue a rota do simbólico, mas o que aqui vem ilustrado é mais surpreendente ainda: não é somente o sujeito, mas os sujeitos, tomados em sua intersubjetividade, que tomam a fila, em outros termos, nossos avestruzes, aos quais eis-nos de volta, e que, mais dóceis que carneiros, modelam seu próprio ser sobre o momento que os percorre da cadeia significante.

Se o que Freud descobriu e redescobre num escarpado cada vez maior, tem um sentido, é que o deslocamento do significante determina os sujeitos nos atos, no destino, nas recusas, nas cegueiras, nos sucessos e na sorte, não obstante seus dons inatos e seu crédito social; sem consideração para o caráter ou o sexo, e que, quer queira quer não, seguirás o curso do significante com

armas e bagagens, tudo o que é dado psicológico." (5).

Instados a falar a propósito do contexto histórico, buscamos descontextualizar a história, para surgir a História para nós relevante, a da *REPETIÇÃO*, isto é, reduzir as circunstâncias ao seu real valor como causa, equivale dizer, a nada. Tomando um ponto qualquer, arbitrário - PICHON - para enveredar numa seqüência que passa por Lacan e nos arrasta, como marionetes, às regulamentares e irresistíveis cisões.

-
- (1) ROUDINESCO, Elizabeth. História da Psicanálise na França, vol. II, p. 141. Jorge Zahar Editor, 1988.
 - (2) LACAN, Jacques. Escritos - Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise. P. 101, Editora Perspectiva, 1992.
 - (3) KAPLAN e SADOCK. Compêndio de Psiquiatria Dinâmica. P. 151. Artes Médicas, 1984,
 - (4) PONTALIS, J. B. O Amor dos Começos - "O Grande Outro". P. 122. Editora Globo.
 - (5) LACAN, Jacques. Escritos - A Carta Roubada. P. 37. Editora Perspetiva, 1992.

Recife, março de 1994